

03

Sentidos de uma ação social de inclusão


Luzinete Carpin Niedzieluk
Universidade do Estado de Santa Catarina
luzcarpin55@gmail.com | [LATTES](#)

Janaí de Abreu Pereira
Universidade do Estado de Santa Catarina
janastral@gmail.com | [LATTES](#)

Sandra Regina Ramalho e Oliveira
Universidade do Estado de Santa Catarina
ramalhoetoliveira@gmail.com | [LATTES](#)

Recebido em: 07/11/2022
Aprovado em: 20/12/2023

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/19843178182023251>

 Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

Sentidos de uma ação social de inclusão

Neste artigo pretendemos discutir os novos desenvolvimentos da semiótica ora chamada discursiva, ora pós-greimasiana, ora sociossemiótica, ora landowskiana, para apresentá-los em um contexto específico. Como estas propostas atualizadas da semiótica podem ser visualizadas no estudo de quaisquer interações, no presente texto referimo-nos a uma situação na qual, coletivamente, desenvolveu-se uma ação com finalidades inclusivas. Como se trata de uma proposição para o estudo da construção dos sentidos em ato, partimos de um fato corriqueiro, a coleta de lacres de alumínio de latas de bebidas, com o objetivo de contribuir para uma proposta que visa a inclusão de pessoas com deficiência. A experiência permite afirmar que as condições de coleta apresentam modos de relacionamento com as coisas do mundo, conforme o modelo postulado por Landowski, sendo seus resultados exemplares para relacionar a outros modos de interação e de geração de sentidos e ainda nos possibilita refletir sobre a extensão de um ato banal, bem como das demais atitudes cotidianas da vida.

Palavras-chave: Ação social de inclusão; Semiótica pós-greimasiana; Efeitos de interação e de sentido; Sentidos do banal.

Senses of a social action of inclusion

In this paper we want to discuss the new developments of semiotics sometimes called discursive, sometimes post-Greimasian, sometimes socio-semiotic, sometimes Landowskian, in order to present them in a specific context. As these updated proposals of semiotics can be visualized in any interactions' study, in the present text we refer to a situation in which, collectively, an action with inclusive purposes was developed. As it is a proposition for the study of the construction of meanings in action, we start from a common fact, the collection of aluminum seals from beverage cans, aiming to contribute to a proposal that seeks to include people with disabilities. The experience allows us to affirm that the collection's conditions present ways of relating to things in the world, according to the model postulated by Landowski, being their results exemplary to relate to other modes of interaction and of generation of meanings, and also allows us to reflect on the extension of an ordinary act, as well as other everyday attitudes in life.

Keywords: Social Action of Inclusion; Post-Greimasian semiotics; Interaction and sense effects; Ordinary senses.

Do objeto

Um membro do nosso Grupo de Pesquisa, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, por iniciativa de outra comunidade a qual pertence, participa da coleta de lacres de latinhas de bebidas, de alumínio, que funcionam como troca para a obtenção de cadeiras de rodas, visando a inclusão de pessoas com limitação motora. Um grupo de empresas e cooperativas faz o intermédio entre serviços de coleta e reciclagem e os fornecedores das cadeiras. Mais especificamente, são necessárias 100 garrafas *pet* de dois litros cheias de lacres de alumínio para conseguir uma cadeira de rodas. Mensurando-se em tempo, o grupo tem conseguido uma cadeira a cada 3 ou 4 anos, e já conseguiu duas.

Ao explicitar tal processo para os colegas do Grupo de Pesquisa, este seu membro ganhou a adesão de todos para a tarefa, tornando-se logo catadores de lacres, com tal finalidade, principalmente pelo fato de ser uma atividade inclusiva. Entretanto, algumas pessoas próximas a eles contestam, pois consideram muito trabalho para tal fim, sendo que houve até quem se oferecesse para doar uma cadeira de rodas para poupá-los da tarefa.

Mas para os envolvidos, a ação consistia menos em uma promoção beneficente ou mesmo uma barganha do tipo comercial, pois certamente as 100 garrafas *pet* cheias de lacres do mais puro alumínio (ver figuras 1 e 2) – mais valioso do que o alumínio da lata propriamente dita – superam o custo de uma cadeira de rodas, mesmo sendo um modelo de valor mais elevado.

Figura 1: Foto do objeto de estudo: lacres de alumínio de latas de bebidas.



Fonte: foto de Janai Pereira

O ato de juntar os lacres adquire vários sentidos, além do bem estar que sentimos quando fazemos o bem: a noção de solidariedade, de empatia ao sabermos que várias pessoas que nem se conhecem estão irmanadas na mesma ação; pelo fato de retirarmos da natureza latas jogadas ao léu pois, ao recolhermos o lacre, não devolvemos a lata ao chão, mas buscamos depositá-la em lugares de coleta de lixo previstas para tal fim, preservando a natureza; por fazer com que reflitamos sobre a importância de termos saúde e de podermos nos locomover naturalmente; pelo que pode significar a inclusão social para alguém retido entre quatro paredes; e ainda por um certo caráter lúdico, referente à procura e ao encontro dos lacres, à contagem dos encontrados, à superação do número encontrado na semana ou no dia anterior, entre outras possibilidades. Aqui, portanto, já se estabelecem diversificados efeitos de sentido de uma ação de inclusão aparentemente tão banal. Não se trata dos signifi-

cados e sentidos do encontro *de* lacres, mas *com* lacres, os atos decorrestes da procura, do achado, do recolhimento e da guarda, das suas intencionalidades bem como com suas implicações.

Figura 2: Foto do processo de participação em uma ação de inclusão: armazenamento de lacres em garrafas *pet*.



Fonte: foto de Janaí Pereira

O encontro aleatório com os lacres pode nos remeter a uma semelhança ao espírito dos dadaístas e surrealistas (Bradley, 1999), a uma metodologia do acaso denominada de objet trouvé (fr: objeto encontrado); trata-se de objetos ordinários que, encontrados ao acaso pelo artista, são retirados de seu contexto original para outros contextos e expostos como obra de arte.

O objet trouvé antecipa o ready made (in: feito pronto), pois sendo objeto ou produto constituído por materiais e processos de construção estranhos à arte, ao menos até o século XIX, até porque são materiais e processos inerentes a outras finalidades, passa a ser considerado arte por ações que se iniciam exclusivamente pela volição do artista, transforman-

do assim algo com outra função em arte, uma vez que eles já tinham uma ou mais utilidades anteriores, que não eram a de ser arte.

Entretanto, a cata de lacres de alumínio pelos membros do grupo não tinha nem a intencionalidade nem o sentido de fazer arte, embora todos eles fossem dedicados à pesquisa em arte, às teorias, ou ao ensino, à história ou aos processos artísticos.

Aí está, apenas, a semelhança da ação inclusiva de busca lacres de alumínio de latinhas de bebidas com o objet trouvé ou o ready made: a transformação de um objeto banal em outra coisa, ou seja, de lacres em cadeiras de roda. Isto porque os lacres, considerados pela maioria como ordinários, foram retirados de seu contexto original, ganharam outra vida e outros status de valor. O sentido dos lacres, para os membros do grupo, estava na procura, no encontro, na presença em ato simultânea e solidária e na intenção dos coletores de lacres em participar desta dinâmica social de inclusão.

Mas não a construção efêmera de um agrupamento de 100 garrafas pet de dois litros com uma finalidade – e uma denúncia – social não poderia também ser considerada uma instalação? O ato, em si, talvez não o fosse, mas a sua divulgação poderia torna-la assim?

Figura 3: detalhe do ato de entrega dos lacres coletados pelo coletivo à AFLODEF – Associação Florianopolitana de Deficientes Físicos: uma instalação?



Fonte: foto de Janaí Pereira

A materialização deste ato da entrega, sabendo-se que o valor em peso do alumínio puro é muito superior ao valor de uma cadeira de rodas nos remeteu para a obra do cubano Felix Gonzales-Torres, *Sem-Título*, também conhecida como *Retrato de Ross* (original em inglês, *Portrait of Ross*, em alusão a Ross Laycock, seu parceiro) da série *Placebo* de 1991, que consistia em uma pilha de balas cujo peso equivalia ao do artista somado ao do seu companheiro, morto de Aids alguns anos antes, doença que o vitimou também cinco anos após a criação da obra. Entre outras mostras, a obra foi apresentada em São Paulo, em 2011, no Pavilhão da Bienal, e em 2017 na Fundação Louis Vuitton, em Paris.

Figura 4: *Sem-título* ou *Portrait of Ross*, de Felix Gonzáles-Torres: balas.



Fonte: foto de José Augusto Oliveira

Em ambos os casos, trata-se de objetos banais, unidades de dimensão ínfima, com finalidades próprias, que somadas tornam-se um volume mais visível e passam a ter outro sentido e valor; e ambas nos provocam a pensar: os lacres, na espécie de chantagem social com os benevolentes que se dedicam à recolhe-los; e as balas, na tragédia que consistiu e ainda persiste, a epidemia de Aids e tudo que a envolve, sendo que a doçura das balas seria a oposição semântica das situações vividas pelos doentes e seus próximos, bem como a juventude perdida. Em ambos os casos, ações que visam a inclusão.

Mas como nos relacionamos com os objetos banais do cotidiano?

Como lhes atribuímos sentidos?

Restringimo-nos a rejeitar a arte contemporânea quando apresenta como matéria prima os *objet trouvé* ou os *ready made*, questionando ‘isso é arte?’, e rejeitando ir mais além e tentar entender questões mais profundas implicadas? Para tanto, necessário se faz um processo de interação com aquele objeto, imagem ou evento. Tais relações, não só com a arte, mas também com as coisas, pessoas e acontecimentos da vida podem se dar de diversos modos e aqui tomamos um objeto banal como referência para uma discussão, com base nas proposições teórico metodológicas da sociosssemiótica, uma vertente discursiva pós-greimasiana

Dos modos de interação e de sentido

De acordo com Landowski (2014; 2017), a geração de efeitos de sentidos se dá a partir da interação entre os sujeitos da relação, sejam eles pessoas ou coisas. Essas relações se dão potencialmente de acordo com quatro modos de interação ou regimes, que são: programação, manipulação, ajustamento e acidente. Os regimes de interação permitem “[...] analisar, comparar, interpretar os dispositivos simbólicos através dos quais a realidade chega a significar para os sujeitos” (Landowski, 2014, p.11). O autor classifica estes regimes mediante duas constelações: a constelação da prudência, à qual estariam associados os regimes de manipulação e o de programação; e a constelação da aventura, referente ao regime do ajustamento e do acidente.

Fiorin (2017, p. 8-9) no prefácio do livro “Interações Arriscadas”, de Eric Landowski (2014), refere-se aos regimes como:

A programação é o modelo em que o estado resultante da transformação é o efeito de uma causa. A manipulação é o modelo em que se transformam ‘estados de alma’, em que se busca, essencialmente por intermédio da persuasão, motivar alguém a agir de uma determinada maneira. O acidente (o acaso) é o modelo que descreve acontecimentos que, por sua própria natureza, escapam a qualquer determinação. O ajustamento é o modelo em que os parceiros da interação, sentindo a maneira de agir um do outro, vão construindo *in fieri* os princípios da relação.

Segundo Fiorin (2017), este modelo alarga as condições de aplicabilidade da teoria narrativa, pois permite descrever, com rigor, mudanças culturais, práticas sociais distintas, como a que nos referimos neste texto, diferentes concepções de arte e outras tantas, além de ter um caráter dinâmico, permitindo deslizamentos de um regime ao outro mostrando o funcionamento da narratividade.

Landowski (2014, p. 19, grifos do autor) afirma que a semiótica narrativa reconhecia apenas duas formas de interação, que são: a) a *operação* ou ação programada sobre as coisas, ou *programação*, fundada em certos princípios de *regularidade*; b) a *manipulação* estratégica, que põe em relação sujeitos regidos por um princípio geral de *intencionalidade*.

Conforme este semioticista, para dar conta das práticas efetivas de construção do sentido na interação entre seres, e entre estes e as coisas do mundo, é necessário um terceiro regime, fundado na *sensibilidade* dos interactantes – o regime do *ajustamento*; e este se dá após uma interação inesperada, chamada regime de *acidente*, fundado no sobressalto, que poderia ser traduzido por regime da surpresa, porquanto em nosso idioma, acidente tem a conotação de algo pejorativo, negativo, ou seja, disfórico. Mas as interações por acidente podem se dar disfórica ou euforicamente.

Regime de interação por programação

O regime de programação consiste em que o sujeito operador deve “[...] adaptar-se unilateralmente a um outro ator” (Landowski, 2014, p. 48). Isto quer dizer que é uma relação de sentido assimétrica, onde há uma espécie de hierarquização, onde um lado determina a natureza da interação e os sentidos dele advindos, e o outro cumpre essa programação. É o caso dos atos cotidianos mais prosaicos, como escovar os dentes, neste caso, sem um ‘outro’ determinado. É o caso do cumprimento das normas de trânsito. Cumpre-se, não se questiona, e por outro lado, são eventos menos banais e destituídos de maior significação. Um percurso

rodoviário só adquire maior significado, efeitos de mais sentidos, quando há uma interação acidental, no seu duplo sentido: se o semáforo está desligado, se há um atropelamento, por exemplo.

Em outras palavras, “[...] uma interação é de ordem programática quando, para chegar a seus fins, é suficiente que o ator se apoie em certas determinações preexistentes, estáveis e cognoscíveis, do comportamento do outro” (Landowski, 2014, p. 48). Aí percebemos que o regime de acidente é o oposto do regime de programação.

A programação é um regime previsível, pois nele sempre ocorre uma regularidade. Há sempre uma distância entre o sujeito cognoscente e seu objeto, uma neutralidade, uma isenção.

Regime de interação por manipulação

Nas palavras de Landowski (2014, p. 22), “[...] manipular é sempre imiscuir-se em certo grau na ‘vida interior’ de outrem, é tratar de influenciar, nos motivos que o outro sujeito possa ter para atuar num sentido determinado”, e ainda “[...] manipular é reconhecer o outro como um sujeito competente” (Landowski, 2017, p.17).

Importante se faz assinalarmos que manipular para a semiótica não tem o sentido do senso comum, algo pejorativo. Cumprimentar alguém com um sorriso é manipulá-lo para uma reação simpática. Um garçom grosseiro pode lhe estragar a noite. Ou seja, se manipulação é uma palavra que transita impunemente pelo mundo social, associada a Maquiavel, que o senso comum só conhece por seus aspectos disfóricos e não por suas qualidades diante de seus propósitos, no seu devido tempo, na semiótica assume outros sentidos, também os eufóricos e, paradoxalmente, mesmo transcendendo o sentido do senso comum, o fenômeno – que é de significação – denominado manipulação pode ser aplicada aos objetos mais banais do cotidiano.

Estimular o outro a *querer fazer* e a *fazer fazer* podem ser modos de manipular. Em outras palavras, um sujeito age sobre o outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. Há uma distância entre o sujeito manipulador e seu interlocutor. A competência dos sujeitos “manipuláveis” é uma competência modal, em que uma das partes unilateralmente procura envolver a outra, propondo-lhe em troca alguma compensação.

Segundo o semioticista (2014, p. 49):

[...] para fazer com que um sujeito “queira” fazer qualquer coisa, é necessário, ao menos, fazê-lo previamente *crer*, ou fazê-lo *saber* que teria vantagem, de um ou outro ponto de vista [...], em querer fazê-lo. Para isso, é preciso começar a persuadi-lo ou por convencê-lo: uma vez mais, é o único meio [...].

Esquemáticamente, temos quatro formas da manipulação segundo a semiótica, ou seja, do *fazer fazer*, quais sejam:

- *tentação (ou da promessa)*: quando o manipulador oferece um prêmio para levar o manipulado a fazer. Ex.: *Se você comer tudo, pode jogar videogame.*
- *intimidação*: quando o manipulador promete uma punição ao manipulado. Ex: *Se você não comer tudo ficará de castigo.*
- *provocação*: quando o manipulador projeta uma imagem negativa do manipulado. Ex: *Você é tão fraquinho que não consegue nem comer todo o seu prato.*
- *sedução*: quando o manipulador projeta uma imagem positiva do manipulado. Ex: *Você é tão forte que conseguirá comer todo o seu prato* (SCÓZ, 2009, p. 18).

Cabe ressaltarmos que o conceito de manipulação se refere a fazer alguém fazer alguma coisa, e não necessariamente a levar um sujeito a proceder contra sua vontade. Nesse sentido, o estrategista-manipulador reconhece o outro enquanto sujeito para manipulá-lo com maior segurança, ganhar mais poder sobre o mesmo e obter seu consentimento.

Regime de interação por ajustamento

Ainda de acordo com as recentes teorias desenvolvidas por Landowski (2017, p. 21), o ajustamento é

[...] um regime de sentido e de interação no qual nem o sentido nem o valor, nem as condições de seu aparecer estão fixados de antemão, mas no qual eles se criam no ato, em função das disponibilidades e mesmo da generosidade dos participantes um face ao outro – o que, é claro, sempre implica certa tomada de risco.

Neste regime há uma interação entre iguais, sejam iguais ou não, mas em ato, consideram-se, reciprocamente, enquanto tal; assim, as partes coordenam suas dinâmicas por meio de um *fazer conjunto*.

Segundo o semioticista, este fazer conjunto é o que permite aos interactantes ajustar-

se, é uma capacidade nova, ou seja, a capacidade de *sentir* reciprocamente, batizada de competência *estésica*. Estes sujeitos são dotados de um corpo, de uma sensibilidade, assim a interação se assentará sobre o *fazer-sentir* – sobre o contágio entre sensibilidades dos seres em ato.

No regime de interação por ajustamento, os interactantes visam, por meio das relações sensíveis que os unem, descobrir uma forma de *realização mútua*. Landowski exemplifica com a metáfora da dança, mais especificamente da valsa, e afirma que para fazer desta valsa uma interação gratificante, criadora de sentido e de valor é necessário que os dançarinos, ao dançar, procurem juntos a melhor maneira de se ajustarem um ao outro, realizando-se plenamente como dançarinos. Há outros exemplos didáticos, como o ajuste do proprietário ao seu novo carro, ou dos alunos ao professor e vice-versa.

Regime de interação por acidente

Com relação ao regime do acidente, este de acordo com o autor também pode ser definido como regime do *assentimento* frente ao inevitável.

Para Landowski (2014, p. 73-74):

[...] enquanto que a primeira denominação traduz uma perspectiva objetivante que enfatiza o caráter imprevisível e ‘acidental’ do que acontece, a segunda adota o ponto de vista do sujeito que, submetendo-se ao azar, ‘assente’, de bom ou mau grado, à incerteza da sorte, à possibilidade do acidente, ‘à fatalidade’.

A condição de toda interação sob a forma de regime de *acidente* é a *aleatoriedade* – o acaso. Este regime deve ser colocado no mesmo plano que os outros três e manifesta-se sob duas formas opostas: a) primeiramente se toma o acaso por um fenômeno imanente e vazio de sentido e b) os fenômenos de ordem aleatória remetem a uma *probabilidade mítica*, dependente de uma instância transcendente e impenetrável, a fatalidade.

Com isso, o acaso não tem competência definível, nem ordem modal, pois não é motivado e age sem razão, e deve ser reconhecido como possuidor de um papel *catastrófico* por excelência.

Assim, Landowski (2014, p. 80) propõe o seguinte modelo em forma de elipse para ex-

plícitar o funcionamento dos quatro regimes de interação¹, ou dos quatro modelos de sentido por ele propostos, baseados em seu antecessor Greimas, conforme o Diagrama na figura 5, a seguir:

Figura 5: Diagrama de Landowski.

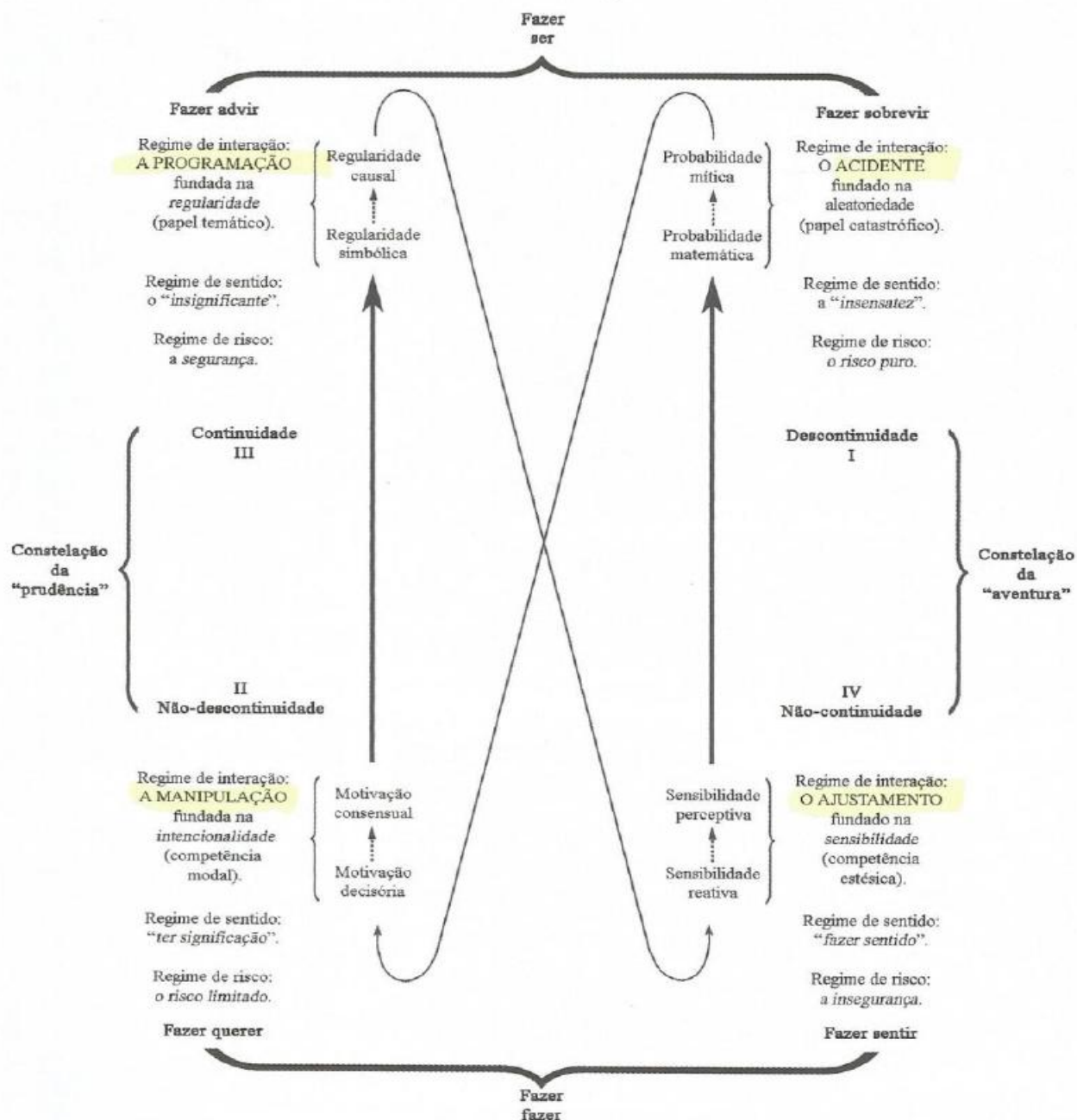


Diagrama 1

Fonte: LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014, p. 80.

¹ Convém ressaltar que estes regimes quase nunca serão encontrados em estado puro, mas sempre mesclados segundo articulações e dosagens diversas.

Das interações com o banal àquelas com as coisas do mundo

Landowski atrela as possibilidades de interação a uma correspondência em termos de geração de sentidos, e o diagrama anterior ajuda a compreender a elaboração teórica do autor. Em síntese, quanto mais programada, planejada, esperada ou antevista a situação, menos sentidos – no sentido de experiência semântica – proporciona a interação. E, ao contrário, quanto mais inesperada, aleatória, surpreendente, ou catastrófica, para usar as palavras do autor, mais marcante ela se torna em termos de experiência significativa. Mas é exatamente o caráter catastrófico que pede uma mediação, um *ajustamento*; neste sentido, o sentido da palavra *acidente* cresce em importância não apenas terminológica, mas epistemológica. Os acidentes nos surpreendem, são inesquecíveis, mas como um sobressalto, uma quebra, uma fratura, ou uma descontinuidade causado/a pelo fato inédito, buscamos ajustes para recuperar a continuidade da vida vivida.

Além da constituição de um constructo teórico – embora flexível -, como anteriormente apresentado, necessário se faz mostrarmos um experimento, ou seja, o funcionamento destes regimes, por meio de uma experiência realizada, vivida. Ela nos permite afirmar que as condições de coleta dos lacres apresentam modos diferentes de relacionamento com as coisas do mundo, e nos possibilitam refletir sobre a extensão de um ato banal e demais atitudes diante da vida. Isto mostra não apenas o modo de funcionamento, ou a operação de uma proposição semiótica, mas apresenta a possibilidade de que este campo de estudos seja colocado a serviço da compreensão não apenas dos objetos de análise, mas da própria vida, conforme assevera o próprio autor (2017, p.152).

Será que há uma correlação entre a atitude do descarte de uma lata de bebida e a atitude de um sujeito diante do mundo? E a ação de recolher o lacre para encaminhar a um grupo que, imbuído de um propósito vinculado a políticas inclusivas, recebe, acumula e armazena um número incontável de lacres de latas de bebidas para, enfim, trocá-las por uma cadeira de rodas?

Para verificarmos como se dão as relações dos sujeitos com as latas de bebidas – e, talvez por extensão, com as coisas do mundo –, levantamos as condições nas quais se dão as coletas dos lacres. Partimos do pressuposto que todos os sujeitos das ações hipotéticas, mas possíveis, comungam o desejo de empoderar a mobilidade de alguém que não consegue desfrutar de um dos direitos fundamentais do cidadão: o de ir e vir. Não apenas por limitações



físicas, mas por conta de uma solução alternativa que lhe foge, a cadeira de rodas. Aqueles sujeitos da ação são as pessoas que coletam lacres para este fim.

Adotando os referenciais landowskianos, percebemos também como se dá a elipse semiótica, situações nas quais os sujeitos da ação transitam de um ponto a outro, ao contrário do quadrado semiótico, onde as posições se apresentam fixas. Ou seja, de um *Regime de Acidente* podemos transitar, em ato, para o *Regime de Ajustamento*; e de uma situação de *Regime de Programação* podemos passar a um *Regime de Acidente*.

No encontro entre o sujeito e um ou mais lacres se dá a interação e a respectiva produção de sentidos a respeito deste encontro. A primeira situação possível acontece quando o próprio coletor consome uma bebida sozinho ou em grupo, retira o seu lacre e pede licença para retirar os dos demais comensais. Para as eventuais companhias, o ato pode consistir em um *Regime de Acidente*, pois pode parecer despropositado alguém coletar parte de algo descartável. Por outro lado, para o próprio coletor de lacres, trata-se de um ato de um *Regime Programado* pois, a certa altura, este ato passa a ser quase automático. Quais sentidos essa experiência oferece para um e para os outros? O olhar dos demais que julga tal ato como *sem sentido*?

Nas acepções de Landowski (2014), o *sem sentido* se dá quando acontece a detenção pela insignificância ou pela insensatez, resultantes de experiências geradas pelo enfado ou pela dor. No caso do enfado, é o “[...] estado de alma no qual o mundo vazio de sentido, de interesse, de valor, dá a impressão de estar ausente e no qual, correlativamente, o sujeito permanece prostrado no sentimento de sua própria incapacidade de existir” (2014, p. 14). O semioticista complementa: “[...] aquilo a que estamos condenados é a *construir* o sentido” (2014, p. 15). No caso dos lacres, não é só uma questão de *encontrar* o sentido deste ato, o sentido na vida, nos outros e nas coisas, mas é, sim, uma construção que tem por base as relações *entre* a vida, os sujeitos e as coisas.

Outra situação se dá quando uma lata é encontrada no lixo, ou várias em um saco plástico separado, em lixeiras particulares, ou públicas, ou seja, em locais para onde os objetos consumidos, ou seus continentes, são descartados após o uso dos conteúdos. Trata-se, *a priori*, de prenciar o *Regime de Interação e de Sentido da Programação*: lixo, no lixo. Fundado no princípio da regularidade, “[...] regime da segurança perfeita, sem acidentes nem desvios de qualquer tipo” (Landowski, p. 32, 2014). Geralmente este regime está associado à repetição de padrões de pensamento e de condutas de cunho social, educacional e cultural,

é o espaço da previsibilidade, mas desta *Programação* pode advir um *Acidente*: o encontro de uma ou mais latas sem lacre. Quem as teria pegado e para quê? Para vendê-las? Pessoas necessitadas? Ou alguém que já fez disso uma empresa? Ou teriam sido pessoas irmanadas na mesma causa? É um *Acidente* que nos leva a pensar.

Nos questionamentos anteriores, dá-se o trajeto para o *Ajustamento*, o conformismo com uma ou outra possibilidade, descartando-se apenas a ideia de que os lacres fossem apenas virar lixo, sem qualquer modo de reciclagem. Quais os sentidos gerados nessas diferentes interações? Quais os seus significados?

O *Regime de Interação e de Sentido da Manipulação* já vinha sendo proposto anteriormente pelo denominado “modelo canônico” de análise dos sentidos, ou da construção de sentidos, pela Semiótica Discursiva Greimasiana. Como caracterizar um encontro de um coletor de lacres e uma lata de bebidas descartada que possa ser caracterizada como um *Regime de Interação e Sentido da Manipulação*? O princípio que rege este regime é o da intencionalidade, atrelado a estratégias, motivações e persuasões que culminam em avaliações e escolhas do que está sendo proposto. É um regime em que o sujeito age sob a intervenção de outro, no sentido político. Entenda-se que o termo manipulação não adquire conotação pejorativa como usualmente é atribuído pelo senso comum, pois quando um coletor de lacres ao ser interrogado por outro sujeito da motivação de sua ação, está fazendo uma ação manipulatória, “[...] interagir desse modo é, portanto, em primeiro lugar, atribuir ao outro ou nele reconhecer uma ‘vontade’ e, a partir daí, procurar pesar sobre suas razões de agir [...]” (Landowski, 2014, p. 32). Com o intuito de fazer o outro querer ou dever fazer, ou seja, tornar-se também um coletor de lacres, esta interação é movida pelo ato e pelos efeitos da comunicação, dos gestos e das imagens.

Ora, ignorando-se o fato de que adotar uma proposição teórica de outrem já é uma espécie de manipulação, sujeitar-se às normas da suposta ação social de inclusão, a de conseguir juntar um número de lacres de metal cujo valor é muito superior ao da cadeira de rodas, por mais sofisticada que ela seja, também é uma forma de o sujeito coletor ser, também, um objeto de manipulação. O que o move? Em que outras circunstâncias da vida ele agiria da mesma maneira? Que outras possibilidades manipulatórias estão presentes nesse movimento social de trocar lacres de latas de bebidas por cadeiras de rodas?

Se nos dois regimes anteriores constatamos a marca da previsibilidade e da prudência no *Regime de Interação e de Sentido do Ajustamento*, a aventura está presente. Quando as

peças coletoras de lacres, após serem questionadas por outros sujeitos, ou até mesmo constrangidas, pois os demais sujeitos podem ficar surpresos ao observar o ato e indagar ao coletor – do porquê daquele ato, e se a resposta do coletor for assertiva, isto pode tornar-se o regime de sentido *por contágio*, ou seja, um ato de contágio, o *fazer-sentir*, as sensibilidades dos seres em ato. E todos virem a praticar este ato e em ato (coletar os lacres) em seu dia-a-dia, trata-se do pensar e sentir recíproco do fazer junto, ajustando-se mutuamente, trata-se de um regime entre iguais na construção de sentidos, onde “[...] cada qual busca, antes de tudo, descobrir uma forma de realização mútua” (Landowski, 2014, p. 54). A potencialidade do ajustamento reside na presentificação do vivido de diferentes corpos, mesmo vivenciando uma atitude aparentemente banal, como coletar lacres.

Certo dia, aconteceu com uma de nós uma situação perceptível como *Regime de Interação e Sentido do Acidente*: o encontro do lacre de uma lata de bebida no chão, já desconectada da lata, quando descia a escada de uma catedral. É o mesmo que acontece quando encontramos uma única lata em um meio fio, ou em um terreno baldio. Pegar ou não pegar, em plena situação de pandemia, quando o vírus pode estar em todo lugar? Difícil uma pessoa idosa se abaixar; depois, um lacre apenas, um lacre a mais ou a menos não faria falta; o ato despertaria curiosidade nos demais, como havia acontecido muitas vezes anteriormente? Coletar aquele lacre fora de lugar, inesperado ou não? Na proposição semiótica este regime também tem conotação semântica adversa do corriqueiro, pois o *Regime do Acidente*, pertencente à constelação da aventura, do inesperado, do instável, do improvável, do desconhecido, traz em seu bojo o princípio da insensatez como regime de sentido. A instabilidade deste regime pode contar proporções disfóricas (no caso de catástrofes) ou eufórica (acidentes felizes, surpresas). Os encontros com os lacres, o encontro com o inesperado, nos tira da inércia e produz efeitos de interações arriscadas.

Na verdade, como diz o próprio Landowski (2014, p. 9), os regimes estão interligados uns nos outros e oscilam entre continuidades e descontinuidades, “[...] permite deslizamentos de um regime para o outro, [...] uma série de passagens graduais liga um regime a outro”. Separamos neste artigo tanto para mostrar como se comporta a teoria que também é um método, ou seja, como se deram essas interações em uma ação específica, uma ação visando a inclusão social, o que acaba sendo, igualmente, uma exemplificação didática e uma sugestão de atuação política, porque é coletiva, defende uma bandeira e visa a permitir a participação de pessoas com dificuldade de locomoção na vida em sociedade.

Considerações

O modelo de análise da construção de sentidos por meio das interações, conforme postulado por Eric Landowski (2014; 2017) é flexível, pois em semiótica um modelo é entendido como uma proposta metodológica e não como um padrão rígido. Assim, ele apresenta possibilidades abertas para tal finalidade, a de tessitura de significados e sentidos, pois o sentido não está nas coisas mesmas nem no pensamento de quem faz a leitura da coisa ou situação: o sentido se dá sempre na relação. Por outro lado, o modelo não poderia jamais ser dogmático, tendo em vista que os sujeitos dos atos significantes não são considerados engessados, estanques em suas posições, mas em movimento, como é inerente à vida social.

Isto porque pressupõe que há mudanças de um *Regime de Interação* para outro, na sucessão dos fatos articulados ou não e no próprio processamento da interação. Este é um ganho teórico e metodológico em relação ao modelo canônico da Semiótica Discursiva onde, no constructo intitulado *Percurso Gerativo de Sentidos*, propunha-se o *Quadrado Semiótico*.

Trata-se também de um modelo semiótico, talvez pouco mais estático do que o modelo das interações, tanto é que visualmente é apresentado como um quadrado e o modelo de Landowski nos vem como uma elipse. Isto é apenas uma redução geométrica, pois a discussão sobre estes modelos exige uma leitura atenta e aprofundada. Para tanto, quanto ao modelo de Landowski, as referências teóricas que embasam este artigo talvez sejam suficientes; e sobre o quadrado semiótico, concebido por Algirdas Greimas e seus companheiros da École de Paris, hoje podem ser encontrados, em português, principalmente nas obras dos teóricos de semiótica José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, entre outros semioticistas.

Por outro lado, queremos ainda abordar algo a mais, caso ainda não tenha sido compreendido o papel de um objeto de estudo tão corriqueiro e aparentemente – diríamos unitariamente - sem valor como lacres de latas de alumínio, ao ser tratados com fundamentos de uma teoria profunda e, por vezes, complexa.

Sobre o processo de construção de sentido, podemos fazer outras experimentações e então veremos que as relações de interação com um objeto banal como o lacre de latas de bebidas, ou com outro objeto de maior valor, com um animal de estimação ou não, ou com uma pessoa são experiências estéticas geradoras do sentido, que só acontece quando o sentido é sentido, construído em si mesmo e com outra ou outras presenças.

O processo vivenciado na coleta de lacres pode ser considerado como um conjunto de interações que oscilam entre todos os regimes: a *programação* de pedirmos um refrigerante em lata em um restaurante e retirarmos o lacre, da *manipulação* ao explicarmos este ato aos demais que compartilham este espaço, do *ajustamento* de podermos *contagiar* e sensibilizar mais pessoas a se tornarem coletores, e do *acidente* de nos permitirmos encontrar e recolher no cotidiano os lacres, como situação a ser vivida, experimentada, experienciada, ao assumir os riscos de convocar outros sentidos.

Este simples ato nos mostra a potência da teoria, a emergência da significação na dinâmica dos discursos e das práticas sociais vividas. O sentido é capturado em ato, isto é, *in loco*, no momento da interação. Isto demonstra que a semiótica, como diz o próprio Landowski (2020), dá conta de todas as “interações observáveis”.

E assim considerando, ou seja, que a relação com a coleta de lacres de latas de bebidas com o objetivo de inclusão na vida social de pessoas com alguma necessidade especial, pode ser uma referência para as demais atitudes nossas em relação a situações vividas no cotidiano, na apreensão da significação e dos sentidos. E pode servir para se refletir sobre as demais ações sociais de inclusão e mesmo sobre todas as nossas vivências, tantas vezes anestesiadas pelo tedioso e entediante *Regime de Programação*.

REFERÊNCIAS

BRADLEY, Fiona. **Surrealismo**. São Paulo: Cosac Naify, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/ EDUSP, 2014.

LANDOWSKI, Eric. Diálogo sobre sociosemiótica. In: **Fórum de atualização em pesquisas semióticas da USP**. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/node/336> Acesso em: 24 abr. 2020.

LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas. Interações semióticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2017.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.

SCÓZ, Murilo. **Apostila de Semiótica**. Florianópolis: UDESC, 2009.

SHAPE+COLOR. **Felix Gonzales-Torres: portrait of Ross**. Disponível em: <https://shapeandcolour.wordpress.com/2010/06/23/felix-gonzalez-torres-portrait-of-ross/> Acesso em: 16 jan. 2022.

@revistaeai

revistaeducacao
arteinclusao@
gmail.com

(48) 3321-8314

revista 
eai educação,
artes &
inclusão